

Ler **HISTÓRIA**

ESTUDOS

**A MORTE DAS FADAS:
A LENDA GENEALÓGICA
DA DAMA DO PÉ DE CABRA**

Luís Krus

MALATESTA E O ANARQUISMO PORTUGUÊS

João Freire

**CORPORATIVISMO E INDUSTRIALIZAÇÃO:
ELEMENTOS PARA O ESTUDO
DO CONDICIONAMENTO INDUSTRIAL**

J. M. Brandão de Brito

**OS MONÁRQUICOS
E O ESTADO NOVO DE SALAZAR**

Manuel Braga da Cruz

**«MISSIONÁRIOS NUM BARCO A REMOS»?
MODOS ETNOLÓGICOS
DE CONHECIMENTO COMO DESAFIO
À HISTÓRIA SOCIAL**

Hans Medick

CRÍTICAS E DEBATES

**A IDEOLOGIA
DO FASCISMO REVISITADA:
ZEEV STERNHELL E OS SEUS CRÍTICOS**

António Costa Pinto

**COMUNITARISMO,
ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL
E RELAÇÕES DE PARENTESCO**

Albert Silbert

6

1985

Malatesta e o anarquismo português

João Freire

1. O princípio

A ascensão da Internacional em Portugal fora tão rápida como a sua queda. As primeiras experiências de luta aberta, política e económica, contra o regime burguês; a divisão entre centralistas e anti-autoritários que percorreu toda a Internacional; e outras causas de enfraquecimento especificamente portuguesas — tiveram como consequência que, bem depressa, as ideias da Internacional apenas ficassem institucionalmente representadas em Portugal pelo socialismo político marxizante.

Durante uma quinzena de anos após a visita de Lorenzo, Mora e Morago, a presença pública da tendência bakuninista é praticamente inexistente, se bem que existam militantes e tentativas de organização — porém com escassos resultados.

É decididamente após a visita de Elisée Reclus a Lisboa, em 1886, que o entusiasmo renasce, se formam grupos, publicam-se jornais, cresce a agitação. Desde aí, pode considerar-se que se trata já, claramente, de um *movimento anarquista*, autónomo e perfeitamente independente da corrente marxizante, consciente de si, dos seus objectivos e dos seus adversários.

No plano ideológico, é um anarquismo comunista, teorizado na época por Kropótkine e veiculado por um jornal como *Le Revolté* que tinha em Reclus uma das suas principais figuras.

No plano sociológico, tanto quanto pode saber-se, os militantes anarquistas desta primeira geração são predominantemente urbanos — porém já com uma distribuição geográfica que permite falar, desde o início, em implantação nacional, e não apenas focalizada em Lisboa ou Porto. Do ponto de vista ocupacional, parece haver uma mistura curiosa de produtores independentes (sapateiros, alfaiates, etc.), de operários fabris e oficiais (metalúrgicos, tabacos), de pequenos empregados (de escritório, etc.) e de intelectuais, pequenos-burgueses e profissões liberais. Finalmente, não há quase notícia de mulheres nestes primeiros grupos militantes.

■ JOÃO FREIRE — I.S.C.T.E. (ÁREA DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO);
ARQUIVO HISTÓRICO-SOCIAL.

O presente texto foi extraído e adaptado de uma comunicação intitulada «Influências Malatestianas em Portugal», apresentada ao Colóquio de Estudos sobre Errico Malatesta, realizado em Milão em Setembro de 1982, por ocasião do 50.º aniversário da sua morte.

Entre 1886 e 1896 terão existido cerca de 40 grupos anarquistas e uma vintena de publicações propagandísticas, as mais importantes das quais foram *A Revolução Social*, *A Revolta* e *A Propaganda*.

A «propaganda pelo facto» chegou igualmente até nós, justamente com a discussão sobre o papel central que os operários (o movimento operário) deveria, ou não, desempenhar na revolução social. Há algumas violências (menores, quando comparadas com outros países, no mesmo momento), mas sobretudo uma grande violência verbal. Como quer que seja, o anarquismo preocupa as instituições da monarquia constitucional, que fazem contra ele passar medidas repressivas, sobretudo a famosa lei de 13 de Fevereiro de 1896, onde o simples propagandear do anarquismo é criminalizado e passível de deportação para Timor.

Esta repressão faz certamente quebrar o tipo de desenvolvimento dos grupos e da agitação da década anterior mas, sobretudo, ao forçar o tempo de uma certa reflexão, vai fazer alterar a estratégia. Por volta do fim do século (e tal como em França), os anarquistas portugueses voltam de novo a preocupar-se prioritariamente com as associações de resistência operária, com os sindicatos, procurando sacudir o controlo que sobre elas exercia o partido socialista, e a sua letargia. Mas, simultaneamente, abria-se também uma fase de aproximação com o revolucionarismo republicano, em forte desenvolvimento — o que é uma particularidade do caso português.

Esta nova estratégia canalizou para o derrube revolucionário da monarquia o potencial «violentista» existente e lançou, por outro lado, as bases de uma influência decisiva que os libertários viriam a conseguir no movimento operário. É certo que houve tensões e por vezes rupturas entre as duas vias (cujos protagonistas eram tratados, na gíria, de «intervencionistas» e «puristas», respectivamente). Mas, à distância, os resultados podem ser julgados francamente positivos: por um lado a monarquia cairá pela insurreição de Outubro de 1910, onde o povo urbano desempenhou um papel activo e a acção das carbonárias (anarquistas e jacobinas) se mostrou importante; por outro lado, o movimento sindical desenvolvia-se espectacularmente sob o impulso e a bandeira dos libertários.

Já atrás dissemos da influência ideológica de Kropótkine e do anarquismo comunista em Portugal. É curioso, por exemplo, que o colectivismo (bakunista) que em Espanha tinha nesta altura tanta força ainda, não tenha qualquer presença significativa entre nós. Mas devemos desde já assinalar o facto de, entre os anarquistas-comunistas, Malatesta só tardiamente começar a ser conhecido em Portugal¹.

¹ Errico Malatesta, italiano, 1853-1932, foi uma das grandes figuras do movimento anarquista histórico. Por um lado, tendo aderido à secção italiana da I.^a Internacional em 1871, é uma das personalidades que faz a transição desta época bakunista do anarquismo, para as fases posteriores, da grande guerra e das revoluções proletárias do século XX. Por outro lado, no plano ideológico, rompeu com as concepções «colectivistas» daquela primeira época para advogar as «comunistas», defendidas por Kropótkine e outros, que passaram a predominar no anarquismo durante as primeiras décadas deste século. Contudo, ao contrário de outras figuras importantes do movimento, Malatesta foi sempre cabeça-de-fila dos «organizadores» contra os refractários à organização e, ao desabar sobre a Europa a guerra de 14, manteve-se «antiguerrista», separando-se então de Kropótkine e outros anarquistas históricos, que preferiram reconhecer o direito de autodefesa à França face ao autoritarismo germânico. Finalmente, permanecendo sempre um adepto da

A primeira obra de Malatesta editada em Portugal terá sido *A Anarquia*, em 1895. *Entre Camponeses* foi publicado por volta do fim do século. Em *Tempo de Eleições*, já só em 1906. *No Café*, em 1907. Finalmente, *A Política*

ANO IV

JUNHO DE 1912

A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA — CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — *Jamael Fimentes*

Proprietario e diretor — *Hilario Marques*

Redacção, administração e tipographia, RUA DA BARROCA, 94, 2.º — IMPRESSO NA RUA DO DIARIO DE NOTÍCIAS, 147 à 151

(Formulário da lei sob a pressão em Portugal)

Lisboa-Portugal

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Administração

PREÇO 20 RÉIS



ERRICO MALATESTA

Quando, ha um ano, a propósito de uma grave doença de Malatesta, quise mos publicar aqui uma noticia biográfica e o retrato do nosso querido camarada, pouco e mal conhecido entre nós, recorremos a vários amigos do estrangeiro. E foi de um deles que um companheiro nosso recebeu a seguinte carta:

Bolonha, 10 de junho de 1911.

Caro camarada,

Lamento não poder satisfazer o teu desejo. Amo Malatesta como a um pai, e admiro-o como um dos homens que mais honram os nossos tempos e o nosso movimento; mas não tenho a sua photographia nem possuo dados biographicos sobre ele. Sei que é natural de Santa Maria Capua Vetere (Napoles), que hoje deve ter cerca de 65 anos, que foi um dos discipulos predilectos de Bacunine, que a ele se deve em grande parte a diffusão das nossas ideias na Italia, na Espanha e na Republica Argentina, que tomou parte nos movimentos insurreccionais italianos das Apúlias em 1874 e do Molise em 1877, que esteve na prisão e no «domicilio coatto» uma infinidade de vezes, em suma o que sabem

todos os nossos camaradas que mesmo superficialmente conheçam a historia do nosso movimento. Mas não sei muito mais.

E' difficil escrever uma biographia de Malatesta, porque a sua modestia superlativa nunca lhe permitiu escrever ou dizer muito sobre o que pessoalmente lhe diz respeito. Tenho por ele a admiração desconsolada que se pode ter por um herói e por um engenheiro, que se revelou só a poucos intimos, e cujo valor real o mundo ignorará sempre.

Teria podido enriquecer a nossa literatura de obras geniais, dar das nossas ideias uma interpretação mesmo superior á que lhes foi dada pelos melhores dos nossos; mas preferiu sempre a acção á teoria, e, como Bacunine, pela acção descurou a elaboração para o publico das nossas ideias. Basta falar um dia com ele para perceber que tesouro de ideias originaes e belas lhe enriquece a mente.



ERRICO MALATESTA

Se Pedro Gori foi o poeta e o porta-bandeira da nossa ideia em Italia, Errico Malatesta é o seu pensador e agitador ao mesmo tempo. Exerce uma enorme influencia sobre quem o avizinha, não só intelectual mas ainda moral, porque ha nele tambem um tesouro de bondade, dessa bondade superior que pudémos encontrar nos nossos Ellis-Reclus e Luísa Michel.

Não sei dizer-te mais: a noticia ultima da sua doença aterrou-me, e espero que vencerá as insidias da morte e viverá. Se morresse, sinto que morreria uma grande parte de nós e se extinguiria o eco da mais alta consciencia anárquica na Italia. Oxalá que viva e que as necessidades da vida lhe permitam dar ainda á nossa ideia alguma coisa da sua alma e da sua intelligencia! E' o melhor auspicio que eu possa fazer a nós mesmos e á sorte do nosso movimento.

Crê-me fraternalmente teu camarada. — *Luis Fabbri*.

Esta carta é significativa, vindo de um dos melhores amigos e discipulos de Malatesta. Agora que chegou de novo a occasião de falar desta alta e nobre figura do anarquismo, vitima duma clamorosa injustiça da «justiça» inglesa e da abjecta policia secreta internacional, fomos um pouco mais felizes, pois pudemos obter da amabilidade de *La Bataille Syndicaliste* um retrato que julgamos ser da juventude do nosso biographado.

Quanto aos dados biographicos, pouco podemos ajuntar á carta de Fabbri, e esse pouco sujeito a caução e tirado em grande parte dum livro que combate o anarquismo, mas cujo autor, Pedro Latouche, presta calorosa homenagem ao valor moral e intelectual do nosso camarada.

Errico Malatesta nasceu em 1853: tem portanto 59 anos. Estudante de medicina, aos 18 anos já combatia nas fileiras da grande Internacional, deixando logo a sua carreira e á sua situação de filho de familia rica para se aproximar do povo, viver a vida dele, trabalhando como mecânico.

Teve então uma larga e movimentada vida de propagação e acção, entrando em insurreições. Em 1884 estava no exilio, para escapar a uma longa pena de prisão a que fôra condemnado, quando estalou uma grande epidemia de cólera em Nápoles. Não hesitou: correu a prestar o seu

revolução, um «insurreccionalista», vem, apesar disso, a moderar um tanto o tom deste discurso na fase terminal da sua vida em que, manietado pelo fascismo, reflecte sobre o balanço das revoluções falhadas (como a da Itália ou da Alemanha) e sobre o amargo successo das revoluções vitoriosas mas desviadas e desnaturadas (caso da Rússia).

Parlamentar no Movimento Socialista sairá em 1914 e o *Programa Socialista Anarquista Revolucionário* apenas em 1919².

É também significativo notar que no melhor livro teórico da nossa produção nativa, nesta época, Malatesta seja apenas citado, de passagem, como um dos italianos da Internacional, sem qualquer referência ao seu papel teórico³.

De facto, a introdução do pensamento malatestiano está estreitamente ligado à vinda para Portugal de Neno Vasco, após uma década de permanência no Brasil⁴.

Neno Vasco fora para S. Paulo em 1901. Aí dirigiu vários jornais anarquistas, estreitou laços com militantes de origem italiana e «perdeu algumas ideias falsas que sobre o anarquismo trouxera de Coimbra e, integrando-se no espírito revolucionário de Malatesta (...) principiou a descrever da teoria harmónica de Kropótkine, importada da França»⁵. No fim da década, Neno colabora já em certas publicações portuguesas e, desde aí se nota a preocupação de sistemática divulgação do pensamento malatestiano. Sabemos que ele dominava perfeitamente o idioma italiano (além de mais cinco outros) e que chegou a corresponder-se com Malatesta. Mas é sobretudo a partir de 1911, já em Portugal, e pela via do jornal do Porto *A Aurora* e da revista de Lisboa *A Sementeira*, que essa divulgação se vai fazer. Neno Vasco é o verdadeiro motor e responsável dessa propaganda⁶.

São inúmeros os artigos de Malatesta que se podem encontrar na imprensa anarquista portuguesa depois de 1910 e nomeadamente naqueles dois periódicos. Convirá um dia fazer o seu levantamento exaustivo e tirar conclusões de

² *A anarquia*, Lisboa, Grupo Boa Nova, 1895; *A anarquia*, (trad. B.A.), Lisboa, 1898; *A anarquia*, Lisboa, Biblioteca Arquivo Social, s/d (cerca de 1912), 62 p.; *Entre camponeses*, Biblioteca de Estudos Sociais, (cerca de 1900), 50 reis; *O que querem os anarquistas (diálogo entre camponeses)*, Lisboa, Biblioteca de Estudos Sociais, 1910, 48 p.; *Entre camponeses* (trad. e rev. Neno Vasco), em folhetim, Porto, ed. *A Aurora*, 1917; *Entre camponeses*, (10 000 ex.), Lisboa, Biblioteca «Luz ao Povo», 1922, gratuito; *Em tempo de eleições*, Lisboa, ed. gr. «Acção Directa», 1906, 10 reis; *Em tempo de eleições*, Lisboa, ed. *A Sementeira*, 1915, 22 p., 2 centavos; *No café (palestras ao natural)*, Porto, Biblioteca *A Vida*, 1907, 52 p., 150 reis; *No café*, Porto, Biblioteca de Brochuras Sociais, 1918, 94 p., 15 centavos; *A política parlamentar no movimento socialista*, Lisboa, ed. gr. «Brochura Social», 1914, 24 p., 2 cent.; *Programa socialista anarquista revolucionário*, Porto, Biblioteca de Brochuras Sociais, 1919.

³ Silva Mendes: *Socialismo libertário ou anarquismo*, 1896.

⁴ Sobre Neno Vasco, ver, entre outros: Adriano Botelho: «Alguns traços biográficos de Neno Vasco», *A Ideia*, n.º 2, Nov. 1974; Jacinto Baptista: «Neno Vasco lembrado no centenário do nascimento», *O Jornal*, Lisboa, Fev. 1978; João Freire: «Neno Vasco, anarquista», *Diário Popular*, suplemento Letras & Artes, Lisboa, 2 Outubro 1980; Edgar Rodrigues: *Socialismo e sindicalismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Laemert, 1969; João Freire: «Introdução» à reedição de Neno Vasco: *Concepção anarquista do sindicalismo*, Porto, Afrontamento, 1984.

⁵ Adriano Botelho: *op. cit.*

⁶ *A Aurora* é um semanário anarquista, publicado no Porto entre 1910 e 1920. Faz parte de uma longa sequência de títulos que vão desde 1901 até 1927, sempre semanais, e que se substituem normalmente por razões repressivas, condenações, etc. São, sucessivamente: *A Voz do Tanoeiro*, *O Despertar*, *A Vida*, *A Aurora* e *A Comuna*.

A Sementeira, «publicação mensal ilustrada de crítica e sociologia» foi a mais duradoura e importante revista anarquista portuguesa. Publicou-se, em duas séries, de 1908 a 1919, em Lisboa. Ver a este propósito, João Freire: «A Sementeira do arsenalista Hilário Marques», in *Análise Social*, Lisboa, n.º 67/68/69, 1981.

uma análise quantificada. Mas desde já, e a título de exemplo, podemos referir que esses textos incluem, tanto artigos traduzidos «em cima da hora» de jornais estrangeiros, como trabalhos já mais antigos que se vão buscar para apoiar uma posição (tirados dos jornais *L'Agitazione* ou *L'Associazione*, cujas colecções terão provavelmente viajado desde o Brasil na mala de porão de Neno Vasco), quer ainda pequenos excertos liminares, tanto ao gosto da época, rubricados por nomes de reconhecida autoridade.

Do ponto de vista temático, podemos encontrar sucessivamente: as abordagens gerais do pensamento libertário («Generalidades sobre o socialismo anarquista» — *A Sementeira*, 1912); a crítica do eleitoralismo («Candidaturas de protesto» — *A Sementeira*, 1911; ou «Por ocasião das eleições» — *A Aurora*, 1913); a posição perante os actos violentos individuais («A propósito de atentados» — *A Aurora*, 1912; «O terrorismo» e «Os bandidos vermelhos» — *Terra Livre*, 1913); ou ainda a crítica das experiências comunitárias («A Anarquia organizada» — *A Sementeira*, 1919).

Sobre o movimento operário e as relações entre anarquismo e sindicalismo, não faltam igualmente os artigos de Malatesta naquelas folhas portuguesas. De uma maneira sumária, pode dizer-se que, para Malatesta, o ambiente operário era o mais propício à difusão dos ideais libertários e, ao mesmo tempo, o que maior projecção social lhes poderia dar. Mas, desde muito antes do Congresso internacional de Amesterdão em 1907, em que tal polémica ganhou eco, ele negava ao sindicalismo a pretensão de ser um movimento com uma doutrina própria, como pretendiam os sindicalistas-revolucionários, sobretudo os franceses. Estas mesmas posições são assumidas em Portugal, em 1913, por Neno Vasco e Emílio Costa na conhecida polémica que então os opõe a Manuel Ribeiro, José Carlos Rates e outros⁷.

Podemos ainda adiantar que as primeiras biografias de Errico Malatesta aparecem (sempre pela mão de Neno) em *A Sementeira*, em Junho e Julho de 1912. Na mesma altura *A Aurora* também publica uma. E mais tarde (1926), é ainda um jornal «malatestiano», *O Anarquista*, órgão da União Anarquista Portuguesa, que lhe dedica uma cuidada biografia⁸.

2. A organização

Se na questão do movimento operário, as opiniões de Malatesta (nomeadamente através de Neno Vasco) tiveram alguma importância em Portugal, sem contudo terem determinado uma opção estratégica nova, nem finalmente impe-

⁷ Sobre a influência de Malatesta em Portugal (via Neno Vasco) no que toca ao movimento operário, ver a «Introdução» à *Concepção Anarquista do Sindicalismo* onde se desenvolve uma boa parte da matéria original desta comunicação.

⁸ Esta biografia é extraída daquela que Max Nettlau escreveu em 1923 e foi editada por *La Protesta*, de Buenos Aires.

Errico Malatesta nasceu a 14-12-1853 e faleceu em 22-7-1932.

Fez parte da Internacional, desde 1871, militando na ala bakuninista.

Viveu grande parte da sua vida no exílio, em especial em Inglaterra. Regressou em 1919 a Itália, onde chegou a ser conhecido pelo «Lénin italiano» e onde permaneceu até morrer.

dido as consequências negativas do inegável sucesso do sindicalismo de matiz libertário em Portugal, qual o destino das posições malatestianas sobre a organização dos anarquistas?

Começemos por referir que, nos últimos anos da monarquia, foram sempre ténues e efémeras as tentativas de estruturação orgânica dos anarquistas, para além do nível do grupo. O grupo anarquista é, de facto, na tradição portuguesa, a estrutura mais interiorizada. O salto do grupo para a federação pôs sempre — como em quase todos os países — problemas difíceis aos militantes. Assim, é apenas em 1911 que se reúne, às claras, o 1.º Congresso anarquista português onde, por proposta dos militantes do Norte apresentada por Manuel Joaquim de Sousa, é aprovada a estruturação em duas federações regionais — Norte e Sul — o que não impediu que vicissitudes diversas tivessem provocado uma vida apagada dessas federações. Os grupos e os jornais continuaram sendo os grandes instrumentos de propaganda anarquista, não as federações⁹.

É assim que os anarquistas portugueses têm de esperar por um estímulo exterior — o projectado congresso internacional de Londres, em 1914 — para de novo ganharem concretização as actividades orgânicas, as reuniões, as votações de teses, etc. Nesse ano realizam-se, pois, Conferências no Porto, em Coimbra, Lisboa e Faro, donde saem novas estruturas regionais, que, como as anteriores, não vão ter vida muito prolongada¹⁰.

E no entanto, a batalha interna pela organização havia já começado há bastante tempo, através da difusão justamente de escritos e posições de Malatesta. É sabido que essa problemática nunca interessou particularmente Kropótkine ou Grave. Coincide pois com a difusão dos textos de Malatesta, a preocupação organizativa. E os veículos difusores são naturalmente os mesmos. Em 1910 a revista *A Sementeira* publica, do italiano, «O individualismo no anarquismo», e em 1911-12 «O princípio da organização». E *A Aurora*, a par de muitos textos do mesmo Malatesta, transcreve com evidente prazer os resultados dos esforços organizativos de anarquistas estrangeiros, nomeadamente do congresso de Paris de 1913, onde os «individualistas» foram seriamente maltratados.

E havia em Portugal «individualistas» destes, ou comunistas anti-organização, à maneira de Luigi Galleani? A resposta não é simples de dar. Se pensarmos num individualismo virulento, com um mínimo de teorização (do tipo da de um Libertad) ou com uma prática violenta (do género dos «bandidos trágicos»), a resposta seria negativa¹¹. Mas em contrapartida, basta ver as dificuldades das federações para existirem realmente, para se aquilatar da componente fortemente individualista dos próprios militantes anarquistas-comunistas.

⁹ *A Aurora*, n.ºs 70 a 75, 1911.

¹⁰ *A Aurora*, n.ºs 203, 205, 206, 207 e 209, 1914. *Aurora*, Porto, n.ºs 5, 6, 7 e 8, 1930.

Ver também Edgar Rodrigues: *Os anarquistas e os sindicatos, 1911-1922*, Lisboa, Editora Sementeira, 1981.

¹¹ De facto houve alguns, como os jornais *A Acção* (1909), *A Anarquia* (1919) e outros, comprovam. Em 1921, o jornal, *Refractários* deve ter sido o expoente máximo da degenerescência e desagregação deste individualismo dogmático. Porém, o impacto desta corrente foi muito pequeno entre nós.

Por outro lado, há em Portugal uma grande variedade de empenhamentos que fazem muito mais apelo aos valores da filosofia libertária individualista, do que a outra coisa qualquer: é o caso da forte corrente anarquista *intelectual*, estética; da grande legião dos *educacionistas*; dos duros *anti-militaristas*; dos adeptos das *experiências comunitárias*; dos *esperantistas*, activos desde os primeiros balbucios desta corrente; dos interessantíssimos *naturistas* (em íntimas relações com Henri Zisly, por exemplo); e dos *neo-maltusianos*, que, como quase todos os anteriores, foram verdadeiros pioneiros em Portugal das suas respectivas preocupações¹².

Neste segundo sentido, o individualismo é certamente bastante importante no anarquismo português.

Mas não se pense que os «pro-organização» são todos necessariamente malatestianos. A prova está em que, nas conferências de 1914, Neno Vasco saiu à estacada para criticar as «bases de acordo federativo da organização anarquista-comunista», por, no seu entender, estas conterem disposições de «puro democratismo, puro parlamentarismo». Referia-se Neno à assembleia de delegados dos grupos e ao seu poder de votar quotizações. A única função federal que ele admitia era a de «correspondência» entre os grupos e para isso bastava «um só indivíduo até». E dava o exemplo da Inglaterra para apoiar a sua tese¹³.

Nas quatro estruturas regionais então criadas, estas posições (de um malatestiano singularmente desconfiado contra as estruturas de poder e finalmente bem individualista) não chegam a ter acolhimento e em todas elas é criada, para além da estrutura dum Comité com funções de ligação permanente, uma outra estrutura onde estão representados os grupos federados, por meio de delegados por estes enviados. Ora a tendência que, pelo menos em Lisboa e Coimbra, se opôs às opiniões de Neno Vasco é uma tendência que, embora adoptando a designação de anarquista-comunista, representa talvez uma particularidade mais do caso português. Trata-se sobretudo de *revolucionários*, no sentido literal do termo (ou, se se quiser, insurreccionistas) antes de serem anarquistas. São militantes que vêm do intervencionismo republicano, carbonário, e se distinguem pela sua oposição aos tribunais do novo regime, pela solidariedade para com os republicanos radicais e pela activa propaganda antimilitarista, indo muitos deles desembocar mais tarde no bolchevismo mais encarniçado.

Fosse porque o empolgação dos anarquistas pela acção nos sindicatos os impedia de pensar em outra coisa; fosse porque a vertente individualista dos anarquistas-comunistas portugueses finalmente se sobrepusesse a tudo o resto; fosse ainda pelo conspirativismo (e inclinação autoritária) dos mais favoráveis à organização; fosse finalmente por acção conjunta de vários destes factores — o certo é que daqui resultou uma ineficácia e incapacidade dos anarquistas para se organizarem independentemente e entre si, como defendia Malatesta e como propunham em Portugal os malatestianos, com Neno Vasco à cabeça, durante a década de 10.

¹² Ver a comunicação de João Freire — Maria Alexandre Lousada: «O neomaltusianismo na propaganda libertária» apresentada no Colóquio sobre a Formação de Portugal Contemporâneo, Dez. 1981, publicada na revista *Análise Social*, Lisboa, n.º 72-73-74, 1982.

¹³ A *Aurora*, n.ºs 203 e 205, Junho, 1914.

Mais tarde, nos anos 20, ultrapassadas e desiludidas as esperanças na revolução russa, as coisas vão alterar-se sensivelmente.

Por um lado, o bolchevismo vai recuperar muitos militantes da área libertária, nomeadamente os «carbonários» e os sindicalistas-revolucionários, a que se junta a jovem geração que fez a guerra, na Flandres ou em África, e constitui uma Juventude Sindicalista particularmente violenta e mesmo bombista. Por outro lado, o distanciamento de muitos anarquistas em relação ao sindicalismo começa a ser cada vez mais sensível. Finalmente, a componente individualista atenua-se muito, nomeadamente pelo empobrecimento da acção cultural libertária, relativamente aos anos do pré-guerra. Isto significa que o sector militante que permanece anarquista-comunista é mais homogéneo e experimentado e entende, agora, não deixar hipotecar completamente o seu próprio movimento, a sua própria esfera de acção, em razão de um outro qualquer objectivo, por muito respeito que lhe mereça.

Os anos 20 vão pois assistir, finalmente, à existência permanente e regular de estruturas de organização anarquista, à realização de conferências e congressos, à convergência de esforços da maior parte dos militantes e ao estabelecimento de um consenso quanto aos modos e aos fins da organização anarquista. Mais. Ainda lhes vai «sobrar» energia para colaborar e mesmo contribuir activamente para a organização anarquista a nível internacional, nomeadamente com a criação da Federação Anarquista Ibérica¹⁴.

É verdade que, em Portugal, não se assistiu à polémica causada pelo «plataformismo»¹⁵. Talvez que a vinda da ditadura, desde 1926, tenha contribuído para isso. Pelo contrário, pode dizer-se talvez que os anos 20 seriam aqui marcados, no essencial, pelo predomínio das concepções malatestianas em matéria de organização. Não será totalmente por casualidade que a designação da organização portuguesa, criada em 1923 é, similarmemente a Itália, União Anarquista Portuguesa (UAP). Também o Programa da União Anárquica Italiana e o seu Pacto de Aliança, logo divulgados em Portugal, poderiam sem dificuldade confrontar-se com os acordos tomados na Conferência de Alenquer e nas dos anos seguintes. Todos eles estão impregnados, simultaneamente, daquele humanismo e daquele voluntarismo que tanto caracterizam o pensamento malatestiano.

É certo que, ainda assim, a organização portuguesa recusa a existência de um conselho federal «porquanto é sabido demais que tais conselhos (vejamos o movimento sindical) nem sempre são a vontade dos aderentes»¹⁶. O comité,

¹⁴ Conferência de Alenquer — Março 1923 (fundação da UAP); Conferência região norte — Porto — Dezembro 1923; Conferência região central — Lisboa — Abril 1924; Conferência região sul — Aljustrel — Abril 1924; Conferência de Lisboa — Maio 1925; Conferência região norte — Porto — Janeiro 1927; 1.º congresso da UAP — Lisboa — Janeiro 1927.

A Federação Anarquista Ibérica, cuja criação fora recomendada na conferência de Alenquer, no congresso de Marselha de Maio de 1926 dos grupos espanhóis exilados e no congresso da UAP de Janeiro de 1927, veio a ser finalmente constituída na conferência de Valência de Julho desse mesmo ano. O delegado da UAP a esta reunião foi Francisco Quintal. Ver também Juan Gomez Casas: *Historia de la FAI*, Madrid, Zero, 1977.

¹⁵ A «Plataforma» de Archinoff, anarquista russo exilado, apareceu em 1926 e propunha bases de intervenção política dos anarquistas inteiramente novas, tais como a «unidade táctica» e a «responsabilidade colectiva», provocando amplas polémicas no movimento internacional.

¹⁶ A *Comuna*, II série, n.º 1, Março, 1923.

nomeado pelos congressos ou conferências nacionais e com funções de administração, deverá então sujeitar a *referendo* todas as decisões que ultrapassem o seu limitado âmbito. Só em 1927, já sob a ditadura, se passa a contar com um comité *alargado*, onde, além dos secretários tradicionais, tomam lugar dois delegados de cada uma das três federações regionais que entretanto haviam sido criadas no interior da UAP. Ficava-se a meio-caminho do conceito de conselho federal, e ainda mais distante daquele existente no Pacto da Aliança da UAI. Mas, em Portugal, relativamente ao passado, era positivamente a vitória das teses malatestianas de organização anarquista¹⁷.

3. A guerra

O problema da guerra europeia, que dividiu tão dolorosamente os anarquistas, não surgiu de um momento para o outro. Na imprensa libertária portuguesa, sempre a par e atenta ao que se passava no estrangeiro, encontram-se frequentes referências ao tema, quer nos momentos em que a tensão político-diplomática entre os Estados sobe, quer quando as organizações ou os militantes destacados se pronunciam sobre o assunto. Assim acontece, por exemplo, em 1905, quando Kropótkine anuncia claramente a sua posição de defesa da França, nas páginas dos *Temps Nouveaux*. Assim volta a acontecer em 1911-1912, quando se pressentem próximos os indícios do conflito. Enquanto *A Sementeira* edita a brochura de Kropótkine *Os bastidores das guerras*, tanto aquela revista como *A Aurora* inserem vários artigos de Malatesta¹⁸.

Contudo, quando em Agosto de 1914 a guerra é declarada, é apesar de tudo com alguma estupefacção que os militantes constatarem que, afinal, a solidariedade internacional dos trabalhadores não havia funcionado, que o proletariado francês acorre febrilmente à mobilização e que, entre os anarquistas, as opiniões estão profundamente divididas¹⁹.

Em Portugal, as primeiras reacções são de repúdio e oposição. *A Aurora* de 2 de Agosto insere um artigo de fundo de Clemente Vieira dos Santos intitulado «Abaixo a guerra». O mesmo jornal publica, a 16, a posição da central operária de então (a U.O.N.) «Ao proletariado e à burguesia», que vai no mesmo sentido.

Mas os jornais vão informando, com a maior rapidez possível, as clivagens no campo anarquista. Logo a 6 de Setembro *A Aurora* publica «Aos camaradas», exprimindo a posição dos *Temps Nouveaux* — que tinha, em Portugal também, enorme prestígio — sobre a nova situação criada. E a partir daí, em sequência, todos os textos, mais conhecidos ou mais ignorados, dessa famosa

¹⁷ Ver Manuel Joaquim de Sousa: «Últimos tempos de acção sindical livre e do anarquismo militante, 1926-1938», *Voz Anarquista*, Almada, n.ºs 1 a 5 e 25 a 37, a ser proximamente editado em livro, por A Regra do Jogo, Edições.

¹⁸ «A guerra europeia e a organização internacional dos trabalhadores», *A Aurora*, n.º 52, Julho, 1911; «A guerra», *A Aurora*, n.º 117, Outubro 1912; «A utopia do desarmamento», *A Sementeira*, n.º 48, Outubro 1912.

¹⁹ Significativamente, o Comité Confederal da CGT, na sua mensagem aos proletários de França, confessa: «Si ces efforts ne paraissent pas avoir donné ce qui nous étions en droit d'attendre, ce que la classe ouvrière espérait, c'est que les événements nous ont submergés». *La Bataille Syndicaliste*, Paris, n.º 1193, 2 de Agosto 1914.

polémica. A 22 de Novembro «Anarquistas esquecidos dos seus princípios» de Malatesta; a 29 «A pretensa bancarrota da Internacional» de Kropótkine; a 13 de Dezembro o manifesto dos russos de Genève «Ao proletariado internacional»; a 27 «Kropótkine e a guerra» de Malatesta; a 10 de Janeiro de 1915 «Duas tendências na luta anarquista» de Zisly; a 24 «O internacionalismo não faliu» de Grave; a 7 de Março é publicado o «Manifesto dos anarquistas de Londres» e logo a seguir a «Carta sobre as questões actuais» de Kropótkine; em Junho «A Itália também» de Malatesta, mais tarde, em 1916, vem a conhecida declaração conhecida como «Manifesto dos 16», etc.

Entre os anarquistas portugueses a questão colocou-se também, como era inevitável. Nos primeiros meses terá sido sobretudo a expectativa, a procura de notícias do que se passava lá fora, a formação de opiniões. Em breve, porém, as posições se demarcam. Com Kropótkine, Malato, Grave, Tcherkes-sof, etc., estão um punhado dos melhores intelectuais do anarquismo português: Adolfo Lima, César Porto, Severino de Carvalho e, à frente de todos, Emílio Costa. Com Malatesta, Bertoni, Emma Goldman, etc., ficam Neno Vasco, os anarquistas do Porto que se exprimem através d'A *Aurora*, as juventudes sindicalistas, acabadas de criar, e a organização operária.

Esta enumeração diz já o suficiente da desproporção das forças pró e contra o direito de defesa da França. De facto, os «antiguerristas» intransigentes são claramente maioritários entre nós. Isto não obsta a que, no plano ideológico, o enfrentamento seja rude, dada a qualidade e capacidades teóricas dos «guerristas» e a força que lhes advém de com eles estarem os nomes de maior prestígio do anarquismo internacional, em especial aqueles que mais influência tinham em Portugal.

Dos desacordos verbais passa-se à «guerra de trincheiras» da polémica impressa. Os «aliadófilos» lançam, a partir de Janeiro de 1915, uma publicação de grande qualidade teórica, *Germinal*²⁰, que vai manter com *A Aurora* um aceso confronto, que durará até 1917, até às primeiras notícias da queda do czar das Rússias.

Isolados em Portugal, os homens do *Germinal* aproximam-se naturalmente daqueles que, no estrangeiro, defendem as mesmas posições: por exemplo, *La Libre Fédération* de Lausanne, *La Bataille Syndicaliste* de Paris, ou *Accion Libertaria*, de Gijón. De resto, vale a pena mencionar as alianças tácticas tecidas nesta altura entre periódicos portugueses e espanhóis (onde, mais que em Portugal, o movimento estava profundamente dividido): à aproximação *Germinal*-*Accion Libertaria*, responde o alinhamento *A Aurora*-*Tierra y Libertad* (de Barcelona) donde sai a realização do Congresso de Ferrol, contra a guerra, na Primavera de 1915²¹.

É possível também que destas ligações tenha resultado um agravar dos termos da polémica, dado o carácter particularmente violento imprimido pelos intervenientes espanhóis. Perante uma insinuação que um dos «guerristas», Augusto Machado, teria feito sobre as motivações da posição de Neno Vasco,

²⁰ *Germinal*, Lisboa, 2 séries, 37 números, 1915-17.

²¹ A delegação portuguesa era composta por Mário Nogueira, Manuel Joaquim de Sousa, Serafim Cardoso Lucena, António Alves Pereira, Ernesto da Costa Cardoso e Aurélio Quintanilha. Não confundir este com Eleutério Quintanilha, espanhol, de Gijón que, com Ricardo Mella e outros militantes de prestígio, ficaram no campo kropotkiniano, na questão da guerra.

este perguntaria um dia a Emílio Costa, agastado, se «estava lidando com camaradas ou com rufias»²²?

Mesmo na revista *A Sementeira* (que havia estado suspensa e recomeça em Janeiro de 1916) onde Emílio Costa havia colaborado tantas vezes e onde, durante algum tempo, havia sido possível «encontrar em boa paz alguns dos desviados guerristas e íntegros antiguerristas do nosso movimento social», as coisas acabam por se degradar e em breve o cabeça-de-fila dos intervencionistas é tratado de «pobre Emílio»²³.

É que, a partir do fracasso de 1914, da incapacidade do movimento operário em fazer valer o seu apregoado internacionalismo, Emílio Costa e o *Germinal* iniciam um verdadeiro processo de revisão — se não dos princípios ideológicos do anarquismo — pelo menos da estratégia até então seguida, de muitas das suas táticas e modos de propaganda. E tem à sua disposição abundantes exemplos de dislates, exageros e dogmatismos aberrantes por parte de anarquistas «derrotistas», para apoiar as suas demonstrações.

É este sentido de autocritica e balanço de uma época de anarquismo que enforma textos como «Os trabalhadores portugueses e a paz»²⁴, «Patriotismo, internacionalismo e militarismo»²⁵, «A acção política do proletariado»²⁶ e, sobretudo, «Revolução e propaganda»²⁷, acompanhados de colaborações exteriores de Wintch, Grave, P. Reclus, e outros²⁸. Emílio Costa submete a um critério rigoroso a actividade presente e passada, a «mentalidade providencialista, metafísica e, por isso mesmo *anti-anarquista* de muitos anarquistas»²⁹. E formula as condições gerais para a efectivação de uma transformação social que se aproxime do ideal libertário, bem como a particularização de novos campos de actuação e modos de intervenção da minoria revolucionária³⁰.

²² Adriano Botelho: «Biografia de Miguel Córdoba», *A Ideia*, Lisboa, n.º 28-29, Maio 1983.

²³ Ver João Freire: «A Sementeira do arsenalista Hilário Marques» in *Análise Social*, n.º 67-68-69.

²⁴ Emílio Costa, *Germinal*, II série, n.º 1, Fev. 1916.

²⁵ César Porto, *idem*, n.º 4, Maio 1916.

²⁶ Adolfo Lima, *idem*, n.º 16, Maio 1917.

²⁷ Emílio Costa, *idem*, n.ºs 4 a 10, Maio a Nov., 1916.

²⁸ Jean Wintch: «A questão das nacionalidades», *Germinal*, II série, n.º 2, Março 1916. Jean Grave: «A Irlanda e os irlandeses», *idem*, n.º 7, Agosto 1916; «A declaração dos 16: um mal-entendido bem cultivado», *idem*, n.ºs 11 e 12, Dez. 1916 e Jan. 1917; «Exame de consciência», *idem*, n.º 14, Março 1917; «Em que faliram as organizações operárias», *idem*, n.º 16, Maio 1917. Paul Reclus: «A declaração dos 16: absoluto e relativo», *idem*, n.º 8, Set. 1916.

²⁹ *Germinal*, II série n.º 4, Maio 1916.

Aí também se pode ler que: «Reproduziu-se o fenómeno produzido entre os livre-pensadores de todos os matizes, desde que há homens sobre a terra: substitui-se um deus por outro, um culto por outro, embora afirmando-se a soberania da razão, a autonomia individual, e outras belas coisas com que se mascara a religiosidade, da qual, a tanto custo, a humanidade se vai libertando. A Revolução, de onde sairá a liberdade, a justiça, a felicidade, é o objecto do culto revolucionário, o *deus ex-machina* da grande e como que milagrosa transformação».

(...) «O messianismo característico da gente portuguesa, para só falarmos de Portugal, continuou a manifestar-se na propaganda revolucionária, apesar de se gritar contra o messianismo e de se apelar constantemente para a nossa razão, para as nossas próprias forças.»

³⁰ Nomeadamente na sociabilidade, na política, na economia doméstica, na educação, força económica, inquilinato, casas do povo, anti-alcoolismo, vagabundagem infantil e outros domínios ainda. Sobre os grupos anarquistas, Emílio Costa propõe uma maior especialização das suas actividades de propaganda. «Revolução e Propaganda», *Germinal*, 1916.

De formação científica e sem dogmatismos, Emílio Costa procura esboçar um anarquismo crítico e autocrítico, que saiba recolher com inteligência política as lições das derrotas do passado. Evidencia com isso uma grande independência espiritual e sentido das realidades, sem nunca se afastar dos anseios e dos valores mais caros do libertarismo. As circunstâncias, análises e sensibilidades diferentes, apartaram-no do grosso dos anarquistas portugueses. A divergência com Neno Vasco, traduzia mais a confrontação de um espírito analítico metódico (Emílio) com uma posição de princípio moral (Neno), do que uma melhor ou pior fidelidade aos ideais anarquistas. A prova está no facto de que quando, em 1920-21, se dá o primeiro grande embate entre bolchevismo e anarquismo, ser justamente Emílio Costa quem, de forma inequívoca, defende as posições libertárias³¹.

O anarquismo, como movimento internacional, saía da difícil conjuntura com fortes cicatrizes internas. A revolução russa serviu, de alguma maneira, para ocultar o problema, levando a uma fuga para diante ao som de entusiásticos hinos revolucionários. Em Portugal, tanto saúda vitoriosamente os acontecimentos de Petrogrado a malatestiana revista *A Sementeira*, como a Kropotkiniana *Germinal*³². É porém de rezear que se tivesse perdido então a oportunidade de uma clarificação teórica que as conjunturas futuras — guerra de Espanha, guerra mundial — vieram demonstrar quão necessária era, para o anarquismo³³.

4. O fascismo e o fim

A Itália e Portugal fizeram, no após guerra, trajectos de algum modo comparáveis. Uma agitação importante das classes proletárias que não chega a rebentar numa revolução social, mas antes mobiliza a contra-revolução, acabando por desembocar em regimes autoritários, em fascismos.

De situações pontuais de grande violência, de motins e agitações constantes, do descrédito do sistema político republicano procuraram tirar partido os novos seguidores da doutrina leninista. Os bolchevistas portugueses mobilizam sobretudo na base de uma perspectiva revolucionária imediata.

É bem possível, de resto, que o sentido das realidades dos dirigentes anarquistas da CGT os moderasse perante a hipótese de uma aventura mal sucedida. Mas não impede que os seus impacientes adversários políticos tirassem daí proveito, apontando a dedo as contradições entre o discurso e a prática e concorrendo fortemente a sua influência no aparelho sindical.

Com efeito, embora acusando estas ambiguidades, é de crer que os anarquistas que permaneceram tais (quer dentro, quer fora dos sindicatos), tivessem consciência do sentido para onde sopravam os ventos da conjuntura, uma vez desfeita a breve ilusão provocada pela revolução russa. A imprensa libertária reproduz, talvez como nunca, a informação internacional em grande

³¹ Ver *A Batalha*, órgão da CGT, Lisboa, entre Novembro 1920 e Março 1921.

³² Emílio Costa: «Allea jacta est!», *Germinal*, II série, n.º 15, Abril 1917. SA: «A revolução russa», *A Sementeira*, n.º 69, Maio 1917.

³³ Ver João Freire: «Caducidade e modernidade de Kropótkine: entre reforma e utopia», *A Ideia*, Lisboa, n.º 20-21, Abril 1981 e *Volontà*, Milão, n.º 2 / 1981.

abundância. A estruturação internacional então iniciada (reagrupamento dos sindicalistas libertários, Congressos e Secretariados Internacionais Anarquistas, Internacional Anti-Militarista, etc.) facilita também este processo. Ora, a experiência italiana, e em breve também a espanhola, com a ditadura de Rivera, mostrava-lhes o que era a nova realidade dos movimentos fascistas e das ditaduras autoritárias.

Desde 1920, o jornal *A Comuna* havia seguido de perto a situação política e social italiana. Sob o título genérico de «A luz vem de Itália», aí são transcritos, números a fio, os importantes debates do congresso anarquista de Bolonha, os acontecimentos insurreccionais de Ancona, as greves e ocupações dos metalúrgicos, etc. Uma grande entrevista de Malatesta (concedida a Eusébio Carbó para *El Libertário*, da Argentina) e, em seguida, notícias da sua prisão, encerram esta fase aguda das lutas sociais em Itália, atentamente seguidas em Portugal.

Um pouco mais tarde, em 1923, é ainda da Itália que vem a luz da experiência: não a da revolução, mas a do fascismo. *A Comuna* insere sucessivamente um artigo de Malatesta «Para a próxima insurreição», um editorial nativo «Preparemo-nos: o fascismo à porta», um outro de Clemente V. Santos «A política fascista», e de novo Malatesta com «Porque é que o fascismo venceu e continua a predominar na Itália». Embora os redactores d'*A Comuna* ainda vislumbrem a possibilidade de um desmembramento, de uma «crise do fascismo»³⁴, eles possuem uma aguda consciência do fenómeno: «A revolução que está na forja é, pois, uma revolução essencialmente fascista. (...) A revolução fascista está à porta. Respondamos, pois, condignamente a esses revoltosos, na certeza de que, assim, salvamos o nosso futuro e o futuro de nossos filhos»³⁵.

Em seguida, a publicação no mesmo jornal de alguns textos é bem significativa, quer pela rapidez da tradução, quer pela actualidade, quer ainda pela relativa reconsideração que é feita de certas posições.

Por exemplo, o artigo «Democracia e Anarquia», de Malatesta, publicado em Março de 1924 em *Pensiero e Volontà*, é-o logo em Abril n'*A Comuna*. Aí é dito, como sempre, «guerra à ditadura, e guerra à democracia», mas também que «não há dúvida, segundo a minha opinião, que a pior das democracias é sempre preferível, quanto mais não seja debaixo do ponto de vista educativo, à melhor das ditaduras» — o que é, parece-nos, um *distinguo* apesar de tudo importante.

Depois, em finais de 1925, a mesma *A Comuna* insere um importante texto de Sébastien Faure «Teoria do progresso» onde este procura rebater a ideia corrente entre os anarquistas de que «todos os governos se equivalem». Escreve Faure: «Sustento que a monarquia constitucional é um progresso em frente à monarquia absoluta; que a república democrática é um progresso em frente à monarquia constitucional; e que a ditadura é um retrocesso em frente à república democrática»³⁶. Pois logo lhe respondem responsáveis anarquistas portugueses contestando, pelo menos parcialmente, a sua demonstração: Francisco Quintal fá-lo sob a forma de uma alegoria zoológica; Adriano Botelho encara

³⁴ *A Comuna*, II série, n.º 35, Nov. 1923.

³⁵ *A Comuna*, II série, n.º 16, Julho 1923.

³⁶ *A Comuna*, II série, n.ºs 140 e 141, Nov. 1925.

directamente a argumentação do francês, e rebate-a com os melhores argumentos malatestianos de que é capaz. É certo que distingue diferenças *quantitativas* na violência imposta às classes dominadas por uma ou outra forma de regime político burguês, mas termina reafirmando que «todos os governos se equivalem, só nos merecendo preferência *aqueles em cujos países exista uma forte corrente de opinião pública e um movimento conscientemente revolucionário, que se oponham aos seus desmandos*»³⁷. Botelho ficara sendo, após a morte de Neno Vasco, um pouco o guardião da fidelidade ao pensamento malatestiano em Portugal, sabendo manter essa posição com coerência durante toda a sua vida³⁸.

Neste ponto como noutros, o pensamento de Errico Malatesta acusa um amadurecimento considerável, nestes anos pós-revolucionários em que, por outro lado, o regime fascista o submete a apertada vigilância. Ao contrário do que acontecera várias vezes ao longo da sua vida, Malatesta desta vez aceita ficar em Itália, agindo através da escrita, nomeadamente com a revista *Pensiero e Volontà* (Roma, 1924-26). Isto não acontece apenas porque a saúde e a idade a tal o aconselhavam, mas também pelas lições políticas retiradas da vaga revolucionária que, durante aqueles anos, percorrera a Europa.

Sem abandonar a sua convicção de que um traumatismo social seria sempre necessário para inaugurar uma nova era de justiça e liberdade para os povos, as suas posições insurrecionalistas tornam-se menos veementes, a sua visão mais complexa, o seu fundo mais humanista, se possível. O anarquismo é um belo ideal, um ideal mesmo inultrapassável — pensa ele. Daqui não se deve arredar pé. Mas muito do que a ele tem sido agregado, é apenas o fruto das circunstâncias históricas. Tal evolução é perceptível em vários planos, por exemplo no organizativo. Em Agosto de 1926, *A Comuna* insere o seu artigo «Comunismo e individualismo» (publicado em Itália pouco antes) onde, para o autor, a questão era menos do desacordo de modelos quanto à sociedade futura, que da capacidade de entendimento para acções imediatas entre as variadas «opções» existentes entre os anarquistas, ou, ao menos, que estes se saibam tolerar «deixando que cada um faça como crê, sem o obstaculizar»³⁹.

A polémica com Archinoff e outros aderentes às teses «plataformistas» é, nos anos seguintes, ocasião para que o velho internacional bakuninista exprima com grande clareza este refinamento e subtil evolução da sua filosofia política.

Veja-se, por exemplo, o artigo «Gradualismo» publicado em *Pensiero e Volontà* em Outubro de 1925 e logo reproduzido n'*A Comuna* em Março e Abril seguintes: «O anarquismo tem de ser, forçosamente, gradualista. Pode-se conceber a anarquia como a perfeição absoluta, e bom é que este conceito esteja sempre presente no nosso espírito, como um farol guiando os nossos passos. Mas é evidente que este ideal não pode ser atingido dum salto (...). Devemos, portanto, aproveitar todos os benefícios da civilização, nada destruir do que satisfaz, ainda que imperfeitamente, uma necessidade humana, senão quando tenhamos alguma de melhor para o substituir»⁴⁰.

³⁷ *A Comuna*, II série, n.º 144, Dez. 1925.

³⁸ Ver a sua autobiografia, *A Ideia*, n.º 34-35, Outubro, 1984.

³⁹ *A Comuna*, III série, n.ºs 20 e 21, 1926.

⁴⁰ Este artigo voltou a ser publicado na revista *Aurora*, n.º 3, Nov. 1929.

Já perto do fim — da sua vida, como da liberdade de imprensa, em Itália e em Portugal — a revista anarquista *Aurora*, que ainda consegue ir saindo mensalmente no Porto, publica sucessivamente dois artigos de Malatesta escritos pouco antes: são «Algumas considerações sobre o regime de propriedade depois da revolução» e «Os anarquistas de hoje»⁴¹.

Não deixa de ser uma curiosa armadilha da história a hipótese de que justamente quando o movimento anarquista português se torna mais malatestiano, nos anos 20, como atrás vimos, as posições de Malatesta estejam evoluindo num sentido mais flexível, analítico e relativista.

Por outro lado, é certo que, quando o sindicalismo-revolucionário está entre nós em pleno desenvolvimento — ou seja, desde o início da república até cerca de 1920 — acontece ter o movimento anarquista uma débil expressão orgânica, sendo ainda predominantes, nele, as concepções um tanto individualistas e pré-malatestianas vindas anteriormente do anarquismo comunista francês. Em contrapartida, quando o movimento anarquista assimila práticas de acção e organização francamente malatestianas, já o movimento sindical entrou em perda e a estratégia sindicalista-revolucionária é duramente confrontada com a concorrência bolchevista.

Paradoxal, ainda, pode parecer a leitura posterior do conflito surgido com a guerra, embora este não tenha chegado a dividir, tão gravemente como noutros países, os anarquistas e o movimento operário. Mas fissurou, contudo, o anarquismo português numa linha de clivagem entre intelectuais e operários, contribuindo assim para o enfraquecimento da cultura de sinal libertário, tão florescente no princípio do século e que parece ir esmorecendo à medida que se afirma o êxito social do sindicalismo revolucionário.

São, pode dizer-se, os desencontros que a evolução social cria às mais elaboradas doutrinas e teorias, e, neste caso, as que, como Malatesta e Neno Vasco, conceptualizavam uma dialéctica entre movimento anarquista e movimento social do operariado, cada qual com a sua configuração e influenciando-se mutuamente, no sentido da revolução. Dialéctica terá havido, mas não no sentido desejado. ■

⁴¹ *Aurora*, n.º 10, Junho 1930 (traduzido de *Risveglio*, 30-11-29) e n.º 13, Setembro 1930 (traduzido de *Vogliano*, Junho 1930).